

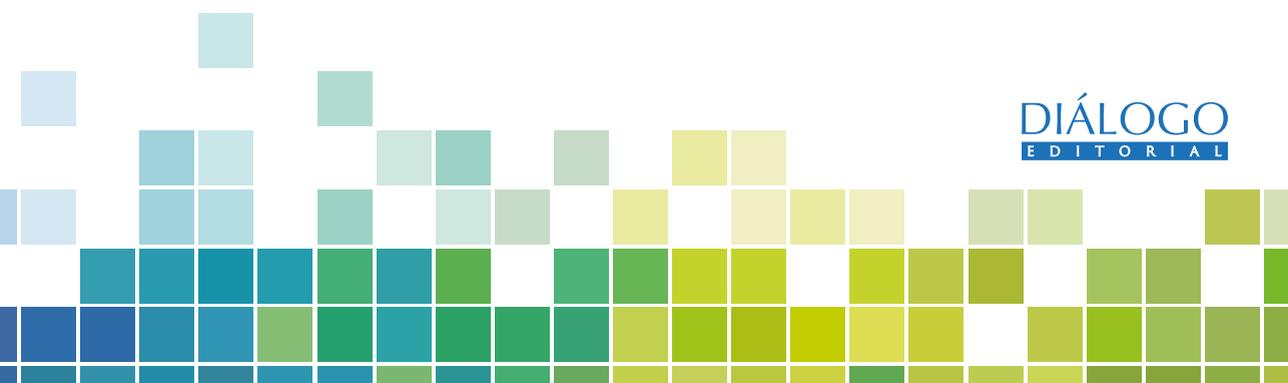


Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 3

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**



DIÁLOGO
EDITORIAL

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 3:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2022

Diálogos interdisciplinares 3: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2022, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração
Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação
Ilvan Filho

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D537 Diálogos interdisciplinares 3: teoria e prática em
educação, ciência e tecnologia / organização Luana
Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira. -

Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -

293 p. : il. foto. color. ; 24 cm.

ISBN 978-85-92647-72-8
DOI 10.29327/568578

1. Educação. 2. Abordagem interdisciplinar do
conhecimento. I. Guisso, Luana Frigulha. II. Oliveira, Ivana
Esteves Passos de.

CDD – 370

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Apresentação

O antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, refletiu em seu livro *Introdução ao Pensamento Complexo*, que a complexidade é inerente à ciência e que se presentifica na vida cotidiana. Em suas reflexões o pesquisador reitera que é no cotidiano que o indivíduo desvela suas identidades múltiplas, e ativa suas performances sociais, com o desempenho de diversos papéis na sociedade, delineando o modelo de intensa complexidade.

Em face a esse cenário, o existir e atuar no mundo mostra-se cada vez mais dialógico e múltiplo. A práxis humana permeia diversos saberes e se perfaz multidisciplinar. No Mestrado de Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC) a produção de discentes e docentes, em compartilhamento e interação, consubstancia a produção de mais um e-book, fruto da pesquisa e investigação dos cotidianos de aprendizagem, interlocução de professores e alunos no chão da escola, enfim, uma profusão de conexões, atravessadas pela tecnologia e a produção científica. O resultado é a terceira edição do e-book *Diálogos Interdisciplinares 3: teoria e prática em educação, ciência e tecnologia*.

A publicação abarca os três princípios fundamentais do pensamento complexo: a dialogia, a recursividade e o processo de tomar a parte pelo todo o todo pela parte, tal qual definiu o sociólogo. O pensar acadêmico abarcou questões desafiadoras do cotidiano educacional em um momento de enorme complexidade que foi o da pandemia pela Covid-19.

Dentre as temáticas elencadas estão: a formação continuada, as memórias do confinamento do coronavírus, um olhar sobre os direitos da pessoa com deficiência no Brasil, o PAEBES como instrumento educacional, a educação inclusiva – entre a teoria e a prática, o uso das tecnologias digitais no processo de aprendizagem, a aprendizagem na biblioteca escolar, o PAEBES TRI em Matemática, a pedagogia hospitalar, a aprendizagem em anos iniciais do ensino fundamental, os desafios da leitura na educação de jovens e adultos, a aprendizagem remota na era pandêmica, as ferramentas tecnológicas nos anos iniciais do ensino fundamental, a socialização da criança autista e a didática para o ensino do aluno autista.

Diálogos Interdisciplinares, em sua terceira edição, revela-se um diálogo multidisciplinar e transformador, na busca por transformação da educação, da ciência e da tecnologia, com esses três fatores imbricados. As intervenções e pro-

postas se dão em favor de um ensino renovado, no qual os educandos possam produzir sentido a partir do que lhes é ensinado.

Apresentar este e-book é algo que nos deixa muito felizes pois, podemos afirmar que são pesquisas atuais e que estão presentes no nosso cotidiano escolar. Trata-se de apresentar o percurso investigativo de alunos e seus orientadores, professores do Curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré.

É importante pontuar que algumas das pesquisas, aqui trazidas, estão sendo aplicadas em secretarias de educação, em formações continuadas e em reuniões de planejamento, com o objetivo de aprimorar, cada vez mais, o ambiente escolar. A diversidade de temas nos evidencia que o nosso mestrado está conectado às inquietações de nosso alunado, professores de chão de escola. Estamos formando educadores com um olhar visionário, para atuar em salas de aula e frente aos desafios escolares do século XXI.

***Dra. Luana Frigulha Guisso e
Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira***

Sumário

CAMINHOS PARA ELABORAÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	09
Bethânia Silva Bandeira e Luana Frigulha Guisso	
EDUCAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA – MEMÓRIAS DO CONFINAMENTO	25
Chirlene Wandermurem Louzada e Ivana Esteves Passos de Oliveira	
EDUCAÇÃO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: UM OLHAR SOBRE OS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL	44
Cristiani Jordão Gomes de Almeida e Sônia Maria da Costa Barreto	
UTILIZAÇÃO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES DO PROGRAMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESPÍRITO SANTO (PAEBES) COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL	58
Elaine da Penha Lima e Nilda da Silva Pereira	
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: COMO PODEMOS MELHORAR NOSSAS TEORIAS PARA MUDAR A PRÁTICA?	75
Elivania de Souza Benevides Neves e Alice Melo Pessotti	
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: VANTAGENS E BENEFÍCIOS DA RELAÇÃO ENTRE HOMEM-COMPUTADOR	94
Fernanda da Silva Gomes e Anilton Salles Garcia	
USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O CASO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GURIRI / SÃO MATEUS, ES	109
Flávia Manette Cardoso Stofele e Sebastião Pimentel Franco	

O PAEBES TRI EM MATEMÁTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO EM CONCEIÇÃO DA BARRA/ES	129
Gerlian Bastos Livramento e Luana Frigulha Guisso	
A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA AO ESTUDANTE HOSPITALIZADO EM PRESIDENTE KENNEDY/ES	149
Giovani Correia Mendonça e Luciana Teles Moura Pirola	
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	160
Graciema da Cruz Silva e Luciana Teles Moura Pirola	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	182
Isabel Cristina Polonine e Sônia Maria da Costa Barreto	
PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NA APRENDIZAGEM REMOTA DURANTE A ERA PANDÊMICA	200
Jucerlane Baiense de Almeida e Anilton Salles Garcia	
A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	218
Liciane de Souza Araújo Sedano e Angelo Gil Pezzino Rangel	
A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA DO DOCENTE	233
Maria da Penha Machado Rocha e José Roberto Gonçalves de Abreu	
CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO ALUNO AUTISTA: DILEMAS, PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES	265
Rianne Freciano de Souza e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES	288

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Isabel Cristina Polonine
Sônia Maria da Costa Barreto

INTRODUÇÃO

O educador que solicita ao aluno da modalidade em Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fazer uma leitura, muitas vezes não oferece nenhuma relevância para ele, que acaba se desmotivando; isso ocorre porque nem sempre a leitura tem significação para ele. Como estão fora da idade escolar, sentem necessidade de ler palavras do seu cotidiano, como placas com nomes de ruas, letreiros dos ônibus, propagandas, ofertas de produtos de supermercados, dentre outros.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC, 2007),

Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante e o (a) professor (a) figura fundamental na história de cada um dos alunos. A leitura é ferramenta essencial para a prática de seu ofício, por isso precisa revelar-se um (a) leitor (a) dedicado (a) e uma forte referência para seus aprendizes (MEC, 2007, p.26).

Assim sendo, o educador tem que procurar de alguma forma motivá-los à leitura, para que o desinteresse seja evitado. A prática da leitura acaba transformando-a em uma prática repetitiva do cotidiano, não oportunizando reflexões e apreço pela leitura com relação ao texto lido. O educador deve procurar trazer para a sala de aula, leituras que interessem aos alunos do EJA coisas do dia-a-dia, porque ao mesmo tempo, se desenvolvem a leitura, a escrita e o conhecimento.

O ensino aos alunos da EJA é diferente da educação regular, suas características e formatação são criadas para atender as necessidades de sua clientela.

Os cursos oferecidos são de forma semipresencial, por disciplina ou por totalidade e atendem alunos a partir de 15 anos até aqueles com mais de 70 anos de idade. O campo da EJA é complexo porque não trata somente de questões educacionais, também está ligado à desigualdade socioeconômica da qual se encontra a maior parte dessa demanda.

Os fatores sociais e econômicos acabam influenciando no interesse dos alunos da EJA em aprender e isso faz com que tenham dificuldade no aprendizado e interesse pela leitura. Uma das maiores dificuldades de se trabalhar com alunos da EJA é a falta de relação à leitura, uma vez que apenas uma parcela da população tem acesso a livros, professores sem conhecimento das técnicas de leitura ou capacitação afim, levando-os inclusive, à evasão escolar. Outros fatores reais acabam influenciando na falta de hábito da leitura, preços de livros elevados e a falta de materiais didáticos específicos para a modalidade da EJA, apesar da facilidade de uso da internet e outros aplicativos que facilitam tal ação.

Para tal, de acordo com Kleiman (1995, p.20) a instituição escolar pode ser classificada como [...] a mais importante das agências de letramento [...]” isso faz com que a formação leitora dos discentes entre em destaque. Portanto a leitura deve funcionar como um instrumento que permeabilize a educação e consiga transpassar as potencialidades que a leitura traz na formação dos educandos.

Sobretudo, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a leitura,

[...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 2001, p. 53).

O ato de ler é importante para a formação social e cultural dos sujeitos e por isso, exige uma transformação no processo de formação leitora. Quando o leitor entra em contato com o texto e com as realidades que estão inseridas é

possível criar e desenvolver sua intencionalidade neste processo. Essa intencionalidade faz com que o sujeito tenha diversas possibilidades de compreender os significados por trás da leitura.

Por essa razão, é importante que a leitura seja trabalhada de forma a proporcionar um posicionamento crítico e autônomo dos sujeitos, isso fará com que o sujeito consiga emergir o texto, ir além das linhas escritas e perpassar pelas inúmeras significações até a formação da sua autonomia leitora.

A autonomia e a intencionalidade que se proporciona por meio da prática da leitura podem resultar em uma experiência e desvendamento do texto de forma íntegra “[...] e essa mesma experiência (ou vivência dos horizontes desvelados através do texto) que vai permitir a emergência do ser leitor” (SILVA, 1984, p. 95).

Sobre tal, e de acordo com Meurer (2000), para que ocorra uma leitura crítica os discentes devem conseguir criar relações com o exterior de forma que se estabeleçam reflexões, questionamentos com os acontecimentos do mundo de forma que consiga compreender que o que acontece e é descrito nos livros, textos literários e afins estão diretamente relacionados e ligados com os acontecimentos da sociedade, com os aspectos extralinguísticos e linguísticos. Por isso, a leitora crítica não está presente interiormente nas palavras ou nos textos, mas sim a exterioridade que é possível criar por meio dela.

Nesse âmbito, a leitura não pode ser vista como um costume ou uma prática rotineira, mas como uma estratégia que pode alcançar inúmeros elementos que fazem parte da vida social e cultural. Por isso, ao mediar os trabalhos com a leitura, o professor mediador consegue facilitar e motivar os alunos da EJA a fazerem parte desse processo, pois a leitura pode modifica-los como sujeitos e trazer significados que se relacionam diretamente com os contextos sociais e culturais.

Para que essas potencialidades sejam alcançadas na EJA, é necessário que se aplique e direcione uma didática que aproxime o aluno do objetivo proposto, pois os alunos,

[...] só aprenderão se quiserem aprender. Especialmente porque aprender custa esforço e ninguém fará esforço a troco de nada. Os velhos “truques”, muito usados anteriormente, de ameaçar com notas baixas e reprovação não funcionam na EJA. Jovens e adultos não se intimidam facilmente. Eles só irão empenhar-se em aprender os assuntos sobre os quais tenham interesse (BRASIL, 2001a, p.45).

É importante que o professor ouça, reflita e discuta com os discentes sobre os conteúdos apresentados, pois assim o contato com os alunos acontecerá de forma prazerosa. Decorrente a isso, a leitura é fundamental, uma vez que pode possibilitar a EJA diversas descobertas com o auxílio e mediação do professor regente.

A SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

É por meio da leitura que se consegue adquirir conhecimentos e se amplia as concepções sobre o mundo social e cultural, é por meio dela que ocorre a junção das ideias lidas. Em um contexto sócio-educacional pode-se destacar que as informações que foram lidas são absorvidas e guardadas no inconsciente e ao serem coagidas, vão sendo lançadas automaticamente no contexto em que está inserido. É uma prática que requer treino e determinação, por essa razão, ao se deparar com leitura em sua totalidade, compreende-se uma formação crítica, reflexiva e autônoma. Nesse contexto, Silva (1984) afirma que “[...] a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. [...] Ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor” (SILVA, 1984, p. 43).

Além dessas considerações postas, pode-se dizer que a leitura vai ademais, pois se interliga diretamente com relações que os sujeitos podem fazer de si, podendo se conhecer e questionar sobre o mundo. Por isso, o aluno deve considerar as leituras algo prazeroso, que encanta e instiga de modo atual, significativo e que tenha intencionalidade em sua vida. Todavia, não pode ser vista como obrigação,

caso contrário perderá seu sentido completo. Assim sendo, o estímulo e a motivação fazem parte desse momento de construção mútua para com os alunos no processo de ensino aprendizagem.

Agnolin (2006) destaca que:

A prática da leitura é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e um deflagrador do sentimento e opinião crítica do indivíduo. Ao propor atividades de leitura a alunos de ensino médio, professores devem levar em conta o gosto que os mesmos possuem pelo ato de ler. Sabe-se que esta faixa de idade não se sente muito motivada pelo ato de ler por vários fatores: um deles, porque por vezes foram impostas por alguns de seus professores, o que muitas vezes, não lhes era prazeroso. Ou ainda, porque precisam ler livros de literatura brasileira impostas pelos mesmos e não sentem atração por esse tipo de leitura (AGNOLIN, 2006, p.2).

Quando se instiga o contato com o mundo da leitura, o discente tende a fazer suas próprias interpretações, todavia, esse processo vai além da leitura, pois é importante que o aluno conheça para que está lendo e o porquê dessa ação. Quando a leitura ocorre, os sujeitos conseguem relacionar com o cotidiano em que estão inseridos e criará suposições sobre o que está lendo. Essas suposições tendem a contribuir para a interpretação e compreensão textual fazendo então que o texto tenha sentido. Dessa forma, quando maior for a quantidade de textos trabalhos no contexto escolar, maior será a interpretações e desenvolvimento dos alunos. Sobretudo Souza (2004) afirma que “[...] livros são território livre, espaços que se tornam familiares, seguros, acolhedores para o leitor” (SOUZA, 2004, p.13).

Os conceitos que o leitor estabelece o ato da leitura, por vezes já estão interiorizados, outros, são adquiridos no decorrer do tempo e outros são transformados no momento em que a leitura ocorre. Por isso, os conhecimentos prévios que os alunos trazem consigo são tão influentes e importantes na leitura e no processo de ensino aprendizagem. De acordo com isso, Kleiman (1995), confirma que,

A leitura é um processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico; o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o ato de ler caracteriza-se como um processo interativo. (KLEIMAN, 1995, p.)

Dessa forma, quando se há a concretização da leitura, ocorre também uma interação entre os conhecimentos bases que acompanha o sujeito e está em seu subconsciente, como também, os conhecimentos que ele adquiriu ao longo dos anos e de sua vivência. Por isso a leitura pode ser considerada como uma interação e relação que estabelece e cria com as pessoas e com as coisas. Nesse contexto Boff (2000) afirma que:

Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura. [...] Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor (BOFF, 2000, p. 09).

Quando se lê algo, a interpretação tende a ocorrer de acordo com as interpretações próprias da pessoa, por isso, um mesmo trecho pode ter várias interpretações e considerações, pois a compreensão dependerá das leituras de mundo que o sujeito ativo traz consigo.

Todavia, Yunes e Pondé (1988) afirmam:

[...] ler é – além da “atribuição de significados à imagem gráfica segundo o sentido que o escritor lhe atribui – a relação que o leitor estabelece com a própria experiência”, através do texto. Assim envolve aspectos sensoriais (ver, ouvir os símbolos linguísticos), emocionais (identificar-se, concordar ou discordar, apreciar) e racionais (analisar, criticar, correlacionar, interpretar). Há, portanto, diferentes níveis de leitura que extrapolam do texto para o mundo. A crise da leitura

abarca hoje muitos letrados, incapazes de ler a própria realidade no mundo. Aliás, Paulo Freire já chamava atenção para o fato de que a leitura do mundo se faz concomitantemente à leitura da palavra. Daí ser impossível uma leitura do consenso, uniforme, pois no conflito das interpretações se revela a diversidade rica de um texto e, através dele, a da realidade (YUNES e PONDÉ 1988, p. 58-59).

A leitura é mais do que somente decodificar o que foi lido, mas sim atribuir significado e estabelecer relações com o texto, o que contribui para as interpretações e entendimento do manuscrito. Por outro lado, pode-se destacar também que no processo de ser e compreender o que se lê, muitos sujeitos acabam compreendendo também suas próprias impressões, consegue entender seus sentimentos, o que pode fazer com que se perca nas entrelinhas do texto. Essa comparação assídua do texto com o íntimo do leitor, pode contribuir para o desenvolvimento assíduo e ativo do aluno em sala de aula.

O desenvolvimento da leitura em sala contribui também para o aprimoramento do vocabulário, das compreensões gramaticais, do aprimoramento das habilidades de ouvir e de falar, bem como, a argumentação em textos e em seu posicionamento perante toda vida em sociedade. Também é possível conhecer outras culturas e suas relações com o contexto social do mundo. Freire (1996, p. 36) afirma que a leitura também é considerada um processo de curiosidade, “[...] faz parte daquele primeiro momento em que o ato da leitura é a leitura do mundo, é a leitura do rela, é a leitura do concreto, para depois se, ou começar a ser, a leitura da palavra”.

Ler possibilita que os sujeitos sejam transportados para caminhos e direções diversas, bem como, abre caminhos para desvendar as entrelinhas que a leitura traz em sua bagagem cultural e o incentivo deve fazer parte do contexto familiar e educacional para que a leitura faça parte de todo contexto por inteiro.

A leitura em sua prática no contexto escolar por vezes tende ocorrer de forma mecânica, ou seja, o foco se estabelece na leitura e decodificação das palavras.

Dessa maneira é importante destacar que o docente tem papel relevante e fundamental no desenvolvimento escolar dos alunos. De acordo com Pauliquévis et al (2012) os professores têm grande relevância na formação leitora dos discentes,

É de suma importância salientar a importância do professor em sala de aula, visto que, em sala de aula, ele é a autoridade maior, o mestre, que fatalmente constituir-se-á como modelo, aos seus educandos. Por esse motivo, é condição essencial, se quiser formar leitores, em sua sala de aula, que este professor modelize o ato da leitura, lendo para seus alunos, demonstrando para que serve o ato de ler, ou, em outras palavras, oportunizando que elas vivenciem a prática social da leitura e da escrita em suas aulas (PAULIQUÉVIS et al, 2012, p. 20).

Freire (1996) afirma que ensinar exige respeito à autonomia do ser educando” (FREIRE, 1996, p. 54), tal autonomia pode e deve nortear o processo de ensino e aprendizagem, bem como, nortear os processos de leitura que acontecerá dentro dos eixos educativos de sala de aula. Para o autor, o ato de ler acontece com a leitura de mundo “[...] primeiro a leitura do ‘mundo’, do pequeno mundo em que se movia; depois a leitura da ‘palavra’ que nem sempre, ao longo da escolarização, foi a leitura da ‘palavra mundo’” (FREIRE, 1996, p.09). Por isso, a autonomia dos discentes devem ser respeitadas e utilizadas a favor das práticas didáticas pedagógicas dos professores.

Destaca-se que no processo de formação do perfil leitor do aluno, considerar a rica complexidade que os textos trazem em seus diversificados temas e gêneros, é considerar e respeitar a complexidade do material fornecido, bem como, as peculiaridades dos discentes. Assim sendo, a autora complementa ratificando que,

[...] vai ser difícil formar leitores insistindo em idealização a respeito da leitura, aceitando passivamente a divisão indiscriminada de pessoas em abstratas faixas etárias, ignorando a existência de diferentes tipos de livros e textos, e ainda sem levar em consideração certas características e especificidades da Literatura, entre elas, seu compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta (SOUZA, 2004, p.46).

É fundamental que o docente tenha em mente que ao se trabalhar a leitura em sala de aula, ele pode tornar um espaço em que se discuta a contradição e ambiguidade dos temas apresentados, sem a idealização de uma leitura fácil e atraente, mas sim uma leitura que “movimente” a interpretação, a intencionalidade, criticidade e significações dos sujeitos envolvidos.

A LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Foi com a chegada dos jesuítas no Brasil, em 1549 que se iniciou a Educação de Jovens e Adultos – EJA, uma vez que os mesmos voltaram-se para a catequização de adultos e adolescentes, oferecida de forma simples e com caráter religioso. Em quase todo território tinha uma escola jesuíta.

Segundo relato do autor Stephanou (2005) em 1759 com a saída dos jesuítas do Brasil, a educação de adultos entrou em colapso ficando sob a responsabilidade do Império a sua organização. Com isso, a educação no Brasil foi marcada pelo elitismo, onde as classes menos privilegiadas não tinham acesso às aulas régias como se dizia naquela época.

Aulas régias compreendiam o ensino de latim, grego, filosofia e retórica e política pombalina emanada por Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal que exerceu o cargo de Primeiro-Ministro de Portugal, sob nomeação do rei Dom José I. As referidas aulas eram ofertadas somente aos filhos de colonizadores portugueses brancos e do sexo masculino, excluindo índios, mulheres e negros. Neste período houve várias discussões nas assembleias provinciais, com relação a maneiras de inserir aqueles que eram de classes inferiores nos processos formais de instrução.

Em 1879, através do Decreto nº. 7.247/1879 foi criada a Reforma de Leôncio de Carvalho ou “Reforma do Ensino Livre”, que tinha enunciado no seu Artigo 1º., qual era a ideologia da medida.

Art. 1º. – É completamente livre o ensino primário e o secundário no município da Corte e o superior em todo o Império, salvo a inspeção necessária para garantir as condições de moralidade e higiene.

A reforma dava liberdade ao ensino, ou seja, qualquer pessoa que se sentisse preparada poderia formular o seu próprio método e ensinar. Em 1881 foi sancionada a Lei Saraiva, onde foi instituído o título de eleitor pela primeira vez e veio para confirmar a ideia da Reforma de Leôncio de Carvalho que era a de dar poder as pessoas de classe alta, pois, o voto é restrito somente a pessoas alfabetizadas¹.

A liga brasileira contra o analfabetismo, criada somente em 1915 representou um momento de transformação na História do Brasil. Os analfabetos eram considerados incapazes e por isso eram excluídos e sofriam preconceito. O analfabetismo chegou a ser considerada uma praga, a alfabetização se fez necessária por verem a necessidade de mais pessoas contribuindo para o desenvolvimento do país.

A necessidade de se oferecer educação aos adultos foi mencionada na Constituição de 1934, mas somente na década seguinte começou a tomar forma, ter iniciativas concretas, oferecer benefícios da escolarização as diversas camadas da população que eram excluídas. Essas ações e programas governamentais criados nos anos de 1940 e 1950, tiveram amplitude não só a nível estadual e local, como também nacional.

Depois desses longos anos somente após o Decreto nº. 19.513 de 25 de agosto de 1945 que a educação de adultos começou a ter caráter oficial com direito a orçamentos, cujos recursos correspondiam a 25% do valor restrito para o ensino fundamental².

Porém, só em 1947 aconteceu o primeiro movimento de mobilização em prol de atender a clientela adulta, que foi a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), lançada após a realização do I Congresso Nacional de Educação e Adultos, onde a alfabetização seria realizada em uma etapa de três meses. Logo

¹ STEPHANOU; BASTOS (orgs), 2005, p. 270 – 271. Também em DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. *Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Cadernos Cedes*, 2001, p. 61.

² Decreto nº 19.513, de 25 de Agosto de 1945. *Disposições regulamentares destinadas a reger a concessão do auxílio federal para o ensino primário.* Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-19513-25-agosto-1945-479511-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso: 28 de novembro de 2020.

após, pretendia-se que os adultos cursassem o primário em dois períodos de sete meses e a terceira etapa tinha como objetivo de capacitá-los profissionalmente.

Sobre tal, a Educação de Jovens e Adultos de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 nos artigos 37 e 38 elucida que,

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada Àqueles que não tiverem acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderem efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I- no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos (BRASIL, 1996).

Quando se fala na educação de jovens e adultos retoma-se a responsabilidade que o docente tem no momento de ensinar, pois deve planejar as aulas de forma a estimular o processo de ensino e aprendizagem. É por meio da educação o ser humano se socializa e exerce sua vida em sociedade, por isso, tanto a leitura quanto a escrita são habilidades que os alunos da EJA devem desenvolver ao longo do período escolar.

Para que isso ocorra, os profissionais de educação devem estar atentos às particularidades e peculiaridade de seus alunos dentro do contexto escolar, pois assim conseguirá planejar suas aulas com estratégias que abarquem os sujeitos público-alvo. Sobre isso, Giroux e McLaren (2002) afirmam que:

Entender a voz do estudante é lidar com a necessidade humana de dar a vida ao reino dos símbolos, da linguagem e gestos. A voz do estudante é o desejo nascido da biografia pessoal e da história sedimentada; é a

necessidade de construir-se e afirmar-se em uma linguagem capaz de reconstruir a vida privada e conferir-lhe significado assim como de legitimar confirmar a própria existência no mundo. Logo, calar a voz de um aluno é destitui-lo de poder (GIROUX; MCLAREN, 2002, p.137).

Os alunos que frequentam a EJA possuem vivências profissionais, histórias escolares, dificuldades de aprendizagens similares que precisam ser levadas em consideração no momento do planejamento. Por isso, é importante que o professor conheça sua base educacional e desenvolva uma base autêntica em sala de aula, que a visão desenvolvida seja abarcada respeitando o que o jovem e adulto trazem consigo.

Contudo, essas particularidades e singularidades que os jovens e adultos trazem consigo, respeitando e considerando que cada aluno tem uma realidade, deve ser transpassada para a leitura para que assim ocorra de modo significativo, possibilitando assim um diálogo direto em sala, enfatizando seus valores culturais, sua vivência social e familiar, transformando então, o ambiente escolar em um espaço de reflexão, pois:

[...] a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos as experiências comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador [...] (FREIRE, 1996, p. 29).

O ato de ler é importante no processo de libertação e construção do perfil do indivíduo, fazendo com que ele interaja melhor com as pessoas e o mundo ao seu redor. É através da leitura que o cidadão consegue se expressar, refletir, opinar, expor suas convicções. O que se deve ter em mente é que lendo, estamos desenvolvendo a criticidade e expandindo conhecimentos e habilidades, colocando em ação valores e atitudes que refletem interpretações que se dão em volta do grupo ao qual estamos socializando. O educador deve oferecer textos criativos a fim de tornar a leitura algo prazeroso para os alunos.

O hábito de leitura permite refletir formas em que o sujeito consiga desenvolver as suas ações como cidadão atuante e pensante em sua comunidade.

No Brasil, o grande desafio está no cotidiano dos estudantes, que permanece em sala de aula, em média quatro horas por dia, mas nem sempre em condições necessárias para a sua preparação como cidadão. Esse espaço deve oferecer subsídios a mais como elemento formador e referencial de posturas e aprendizagens, um lugar reservado para que o ato de ler se transforme em mais um importante colaborador na formação de indivíduos (NASCIMENTO, 2011. p. 15).

A leitura além de desmistificar as palavras, propicia ao educando a possibilidade de opinar, interpretar, elaborar ideias e enxergar o mundo de formas diferentes. O que observamos hoje em dia é que infelizmente, os livros estão ficando esquecidos e outros meios vão ganhando o interesse, como televisão, redes sociais, *videogames*, entre outros. Daí a necessidade de se explorar também os meios midiáticos e diferentes gêneros textuais, preparando o educando para que ele seja apto a ler diferentes linguagens, pois também é preciso acompanhar as tecnologias do mundo atual. Por essa razão, o papel e a mediação do professor é tão relevante para os aspectos sócio-educacionais. De acordo com Freire (1996) um bom professor é aquele que consegue

Enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seus pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p.17).

Essa estratégia desenvolvida na sala de aula não deve ser vista de outra maneira na Educação de Jovens e Adultos, pois o ensino e a prática da leitura faz parte de toda construção educacional, seja ela no início da vida escolar ou anos depois. Os benefícios da leitura não são prioritários a um grupo específico, mas sim a todos, e por isso não deve ser visto de maneira diferente, ou excluído dos

trabalhos na EJA, mas sim, devem ser inseridos visando e compreendendo a sua totalidade e participação ativa no processo de ensino aprendizagem.

A relação do aluno com o professor depende, majoritariamente, da mediação e do contato que o professor fará com o aluno. Por isso, que as estratégias didáticas e pedagógicas devem visar um processo de ensino que desperte o interesse, pois

Seus alunos só aprenderão se quiserem aprender. Especialmente porque aprender custa esforço e ninguém fará esforço a troco de nada. Os velhos “truques”, muitos usados anteriormente, de ameaçar com notas baixas e reprovação não funcionam na EJA. Jovens e adultos não se intimidam facilmente. Eles só irão empenhar-se em aprender os assuntos sobre os quais tenham interesse (BRASIL, 2001a, p. 45).

Para que a mediação do docente ocorra de forma assídua e contínua os docentes devem ouvir, discutir e refletir com os discentes de forma que encare os conteúdos apresentados de maneira mais prazerosa. Por essa razão, os trabalhos com a leitura na EJA são tão importantes e relevantes para o processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, os conteúdos e disciplinas ofertadas na EJA devem desenvolver os conhecimentos básicos para a aprendizagem dos conteúdos dispostos na escola, bem como, propor situações em que o aluno desenvolva a percepção acerca do mundo e do seu exercício em comunidade. Diante disso, de acordo com a proposta curricular do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos o docente de Língua Portuguesa deve propor aos alunos que a disciplina sirva para:

[...] reduzir a distância entre estudante e palavra, procurando anular experiências traumáticas com os processos de aprendizagem da leitura e da produção de textos. Deve ajudá-los a incorporar uma visão diferente da palavra para continuarem motivados a compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vista, assimilar e criticar as coisas do mundo. Deve, também, fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos

que retornam à escola para que possam romper os silenciamentos impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, capacitando-os a produzirem respostas aos textos que escutam e lêem, pronunciando-se oralmente ou por escrito (BRASIL, 2001, p. 12).

Tendo em vista que um dos objetivos é oportunizar as aprendizagens dos alunos por meios de compreensões textuais e de mundo, considera-se que a linguagem do discurso pode desenvolver uma intencionalidade e criticidade nos jovens e adultos. Uma vez que a escola está pautada em preocupações sólidas de formas alunos que tenham a leitura como um aporte teórico que permeia e se desenvolve a criticidade, é importante que os docentes viabilizem esse caminho de formação com ações didáticas e pedagógicas que aja com essa intencionalidade.

Para isso, as leituras desenvolvidas com este grupo deve-se permear entre expostos sobre conteúdos que estão diretamente relacionando ao com mundo a sua volta e os contextos socioculturais que eles propõem, bem como, conhecer algumas particularidades linguísticas que a língua apresenta em seus diferentes contextos. Dessa forma, tende-se a propiciar a formação de leitores competentes e assíduos quanto à prática leitora e a um perfil leitor.

Retoma-se que, para atingir na EJA um perfil leitor, é importante que o docente seja um leitor assíduo, conheça o que irá trabalhar discutir e o que pretende desenvolver. Bem como, precisa compreender que as diversas disciplinas têm importância e relevância neste processo, pois as leituras e interpretações não se solidificam somente a disciplina de língua portuguesa, mas sim, deve ser vista como um complemento no âmbito educacional.

De acordo com Freire (1996), a leitura de

[...] mundo precede a leitura das palavras, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1996, p.09).

Por vezes, o sucesso que os alunos terão com as práticas da leitura, dependerá do envolvimento, da interação e da mediação que o professor realizou e desenvolveu com seus alunos, pois, um professor leitor é criativo e com isso, consegue desenvolver práticas didáticas e pedagógicas que iram abarcar os alunos em suas particularidades e singularidades. Para Tardif (2002), “[...] ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente” (TARDIF, 2002, p. 20).

Não é nulo dizer que a participação do professor na formação e ensino na EJA é de extrema importância, para isso, algumas práticas pedagógicas e metodologias devem ser desenvolvidas a fim de abranger e atender os alunos em sala de aula. Sobre tal, Souza (2004) complementa:

[...] a leitura com o objetivo de formar leitores não pode ser um trabalho esporádico ou, o objetivo de formar leitores não pode ser um trabalho esporádico ou, como alguns professores colocam em seu “semanário”, um ou dois dias por semana. Ela deve ser trabalhada diariamente, sempre na perspectiva de que uma leitura puxa outra e uma conversa sobre um livro sempre estimula a leitura de outro (SOUZA, 2004, p.58).

Sobre isso, Solé (1998) afirma que a leitura “é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura” (SOLÉ, 1998, p. 22). E nesse caminho o professor tende a construir suas práticas envolto de um planejamento que abarque um leitor que lê o texto, processa o que lê e examina as construções.

A autora elucida também a importância do docente objetivar o guia de leitura, ou seja, quando a leitura ocorrer o jovem e o adulto devem identificar a finalidade que se pretende alcançar ao fim da prática leitora. Isso trará uma aproximação assídua para o contexto que foi gerado e os discentes conseguirá desfrutar do que foi exposto e desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, diante do que foi exposto, podemos perceber o quanto a leitura e o incentivo a ela são importantes, pois é através da leitura que teremos cidadãos letrados e com senso crítico. Esse tema tem uma relevância boa, e é importante que mais pesquisadores, escrevam sobre esse tema.

Por fim, constatamos que este trabalho favoreceu a percepção de que os educadores se esforçam na busca de práticas diferenciadas, as quais contribuem com a formação dos educandos da EJA. Contudo, faz-se necessário mais investimento na preparação dos professores, para que estes consigam mobilizar diversas estratégias, cativando os alunos, ao mesmo tempo, possibilitando-os reconhecerem e valorizarem o conhecimento.

REFERÊNCIAS

AGNOLIN, Sonia. **Incentivo à leitura e desenvolvimento de projetos no ensino médio SENAI – Concórdia**. Disponível em http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/ensinoMedio/incentivo_a_leitura_e_desenvolvimento_de_projetos_no_ensino_medio_senai_concordia.pdf Acesso em: 20 jul. 2021.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. 36 ed., Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: senado federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professor dos anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e linguagem**. Ed. Revista e ampliada incluindo SAEB/Prova Brasil. Brasília: MEC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. **Formação do professor como uma contraesfera pública**: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio, SILVA, Tomaz Tadeu (orgs). *Currículo, cultura e sociedade*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 141-173.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, A. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

NASCIMENTO, Lopes. **A leitura em sala de aula, desenvolvimento do hábito da leitura em turma de EJA**. Salvador, 2011.

PAULIQUÉVIS, P. **O que é ler? o que é leitura?**. In: RIBEIRO, S M. *Leitura realizada pelo professor no ensino fundamental*. Lins, 2012. p 16-20.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e a formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.